

A MORAL NA SOCIEDADE

Gabriel Mendes¹

Thais Battibugli²

RESUMO: Obter respostas às perguntas que se encontram latentes no íntimo de cada um, e examinar o que realmente somos, para onde vamos, de onde viemos, porque pensamos, o que é o pensamento, o amor, o conhecimento, dentre outros questionamentos, norteia-nos diariamente mesmo que não percebamos. Não conseguimos viver e se abster da vida e sua real significância. Procuramos diversas respostas fundamentais que se relacionam com nossa existência, a verdade, valores morais e éticos, estéticos, religião, dentre outras. A sociedade periodicamente queixa-se do que lhe é apresentado e lançado, como abusos e episódios cada vez mais espantosos que os meios de comunicação nos empurram garganta abaixo; e infelizmente são poucos os que não deixam que essa digestão de imundície seja absorvida. Isto é, o que fica evidente, é que há a crença de que os valores estão sendo cada vez mais transgredidos por algo que não passa de uma simples resultante do homem, porém a mentalidade alienada não abre os olhos para um novo horizonte.

O homem, em sua existência, por carecer sempre de escolhas, se depara em situações morais marcadas pela dualidade de sentimentos que na falta de um manual entre certo e errado, bem e mal, as consequências são imprevisíveis

PALAVRAS-CHAVE: Moral. Sociedade. Ética.

INTRODUÇÃO

Por sermos animais racionais, a indagação incessantemente traz a luz uma nova questão. “Diferentemente dos outros animais, os homens não são apenas seres biológicos produzidos pela natureza. Os homens são também seres culturais que modificam o estado de natureza, isto é, o modo de ser, a condição natural das coisas, definida pela natureza”³.

É notório que o homem não se cativa por tal propósito em não aceitar como óbvias tudo o que lhe é oferecido. Não conseguem contemplar que “a vida consiste, para nós, em transformar sem cessar em claridade e em chama tudo o que somos e também tudo o que nos

¹ Bacharel em Direito

² Doutora em Ciência Política (USP) e Professora do curso de Direito (UniAnchieta)

³ COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2006. p.11

toca”⁴. Antes, apreciam tudo com uma feição de prazeres e supostas alegrias momentâneas.

As nossas raízes de valores morais estão, por cada vez mais, sendo trocadas por uma imoralidade, por um consumismo e de indiferenças.

1. NOSSOS DIAS

Na sociedade atual, não podemos pensar sobre moral à época dos gregos, medievais ou modernos. Talvez por isso se aceita a nomenclatura de pós-modernos. Vemos que ao dissolver os valores deixados pela modernidade, a sociedade gera um universo desprovido de sentido e objetivos, e ainda, da ética sobre a noção do dever e da obrigação.

Para o filósofo francês Gilles Lipovetsky, a sociedade vive uma “*Ética Indolor*”, ou seja, destituída da noção de dever e de imperativos categóricos - o dever de toda pessoa agir conforme os princípios que ela quer expor como exemplo a ser seguido -, bastando-se em valores narcisistas e hedonistas. Contudo, esta ética do pós-dever não resulta a ausência da ética, mas agora, os homens se comprometem, segundo o filósofo, em serem “ávidos por regras justas e equilibradas, mas não de renúncia pessoal... Faz um convite à responsabilidade, mas se exige uma inteira imolação ao próximo, à família ou à nação”⁵.

Uma filosofia que versa sobre um individualismo responsável.

Tal filosofia, entretanto é atacada por um sociólogo polonês. Referimos-nos a Zygmunt Bauman. Este por sua vez, propõe contra o pensamento individualista de Lipovetsky, a ideia de responsabilidade recíproca.

As dimensões filosóficas de Lipovetsky giram entorno do não abandono completo da moralidade, mas sim de sua reelaboração onde os valores são renovados. Assim, tecendo breves palavras, considerado por muitos e atacado por outros muitos, o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche, em suas obras, aborda o evento por nome de niilismo: o qual vem a ser “a decadência total dos valores tradicionais, das criações e imposições de uma civilização”⁶, podendo ser resumido, em seus escritos, de que “Deus está morto”. Nesse

⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2008. p. 19

⁵ LIPOVETSKY, Gilles. *A Sociedade Pós-Moralista*. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Tradução: Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2005. p. 26.

⁶ BRAGA, Antonio C. Nietzsche: o filósofo do niilismo e do eterno retorno. São Paulo: Escala, 2011. p. 27.

sentido de Deus estar morto, para o Nietzsche, a moral carece de fundamento. Negando a ideia de um ser absoluto, os valores não teriam mais conteúdo que dê sentido à sua existência de uma forma absoluta e definitiva. Deste modo, seria necessário repensar em novos valores desagregados dos antigos para gerar uma sociedade nova de homens livres e senhores de si. Em poucas palavras, o pensamento niilista de Nietzsche, os valores “se revelam infundados e como tais se aniquilam em sua total inconsistência filosófica”⁷.

Contudo, para Lipovetsky, não é por este motivo – de que se diz que Deus está morto – que os valores e os critérios entre o bem e o mal deixaram simplesmente de existir. A sociedade passa a defender uma ética de traços individuais onde os valores morais não exigem o seu sacrifício e sim uma aderência voluntária.

Em sua visão, a exigência moral cai em descrédito, não dando um ponto final a moral, e sim, que são deixados de lado certos princípios que eram observados no passado. Questiona então: “Será então que a sociedade atual perdeu todos os parâmetros, e estamos entregues as mais completo relativismo em matéria de valores? Sim e não ao mesmo tempo”⁸; se busca uma certa proteção individual.

Complementa ainda, a impossibilidade do ressurgimento do culto ao dever por métodos de pedagogia altruísta, pois esta época de princípios de amor ao próximo foi destruída pelo próprio homem.

Pois bem. Já para Zygmunt Bauman, em sua obra *Vida em fragmentos*, nos apresenta que antes mesmo de qualquer classificação do que seja bom ou mal, a condição do homem é uma escolha moral:

Muito antes de nos ensinarem e de aprendermos as regras de bom comportamento socialmente construídas e promovidas, e de sermos exortados a seguir certos padrões e nos abster de seguir outros, já estamos numa situação de *escolha moral*. Somos, por assim dizer, inevitavelmente – *existencialmente* –, seres morais: somos confrontados com o desafio do outro, o desafio da responsabilidade pelo outro, uma condição do *ser-para*.⁹

⁷ Ibidem.

⁸ LIPOVETSKY, Gilles. *A Sociedade Pós-Moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Tradução: Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2005. p. 75.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos. Sobre a ética pós-moderna*. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 9.

Bauman afirma que antes de assumirmos escolhas entre o bem e o mal, no que nos faz depararmos diante de problemas e dilemas morais, e seja esta escolha por meio de contratos (morais), de cálculos de interesse ou causa, somos portadores de responsabilidades ¹⁰. Todavia, com muita maestria, complementa que essas responsabilidades pelos meios citados, não substituem a responsabilidade moral original. No máximo ocorreria uma ocultação da responsabilidade original, pois “é improvável que tais responsabilidades concretas esgotem e substituam de todo a responsabilidade moral primordial que se esforçam para traduzir num código de regras bem-comportadas” ¹¹.

Em um apanhado, o homem em sua existência no mundo, por carecer sempre de escolhas se depara em situações morais marcadas pela dualidade de sentimentos, e como dissemos que na falta de um manual entre certo e errado, bem e mal, as consequências são imprevisíveis. No entanto, as escolhas a serem tomadas devem envolver decisões que comportem responsabilidades.

Continuemos o raciocínio sob o seguinte aspecto. Ao longo da história da humanidade, o recurso para os homens amenizarem o peso de suas consciências, diante da incerteza moral, foi à religião através da promessa de redenção. “A essência das soluções para a ambivalência moral é lidar com ela em retrospecto, fornecendo meios para equilibrar o peso do fardo de uma escolha errada” ¹². Eis que surge a ideia de responder as questões pela razão prática, que procurou livrar a ambivalência, a dúvida moral. Assim temos que, segundo Bauman, a decisão de medidas práticas da responsabilidade foi transferida do sujeito moral para uma agência de dotada de autoridade ética. Ou seja, como o homem tende a esquivar-se de decisões morais, o transferiu para a religião, para o mercado e instâncias jurídicas.

Essa transferência de responsabilidade moral diante da ambivalência de questões morais é facilmente resolvida pelo Judiciário, como por exemplo, a função do Conselho Nacional de Justiça frente a dirimir questões de cunho ético e moral através de normas jurídicas.

No tempo pós-moderno onde se persiste a autonomia, a passagem da responsabilidade moral por decisões éticas decididas ou impostas pelo mercado ou propriamente o Judiciário,

¹⁰ Ibidem. p. 10.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 10.

¹² Ibidem. p. 12.

transfigura-se em uma medicação. Uma fórmula de sanar a angustia da escolha, E assim, o homem se depara com o fornecimento de regras éticas no bojo da publicidade das empresas.

Observemos: essa mudança que resultou na escolha de buscar no mercado um respaldo ético afastou o desejo de monopólio do Estado em apresentar, segundo Bauman, um “*Sistema Único de Ética*”, como ocorria na modernidade, e agora nos deparamos diante da possibilidade de escolher, dentre vários, um código de ética ofertado com aprovação de especialistas¹³. Vale destacarmos:

Porém, essa metarresponsabilidade privadamente possuída e gerida, sob nova versão, não é uma responsabilidade de dar ouvidos ao instinto moral, nem de seguir um impulso de moralidade, mas de situar a aposta de alguém num padrão ético suscetível de vitória na guerra de promessas de especialistas e/ ou índices de popularidade¹⁴.

Daí, no cenário pós-moderno tais “*especialistas*” em prescrever condutas tendem a aparecer e desaparecerem, reduzindo assim o peso das consequências tomadas – fruto muitas vezes dos meios de comunicação e suas grandes guerras de publicidade e propaganda. Queremos dizer, o padrão ético está suscetível de vitórias e derrotas em promessas de seus especialistas; ocorre uma sucessão de episódios, e nas palavras do sociólogo, “uma vida vivida como uma sucessão de episódios é uma vida não preocupada com as consequências”¹⁵. “Celebremos então o mundo livre das obrigações imaginárias e dos falsos deveres”¹⁶.

Vemos a sociedade assumir uma roupagem pós-moderna de incerteza e relativismo moral, distante de uma moral baseada na responsabilidade. A escolha entre o bem e o mal é centralizada em legislações, mas que dão margem de escolha à disposição do homem.

Em continuidade, Bauman ataca ainda a posição pós-moderna de que a ética exerce apenas uma função de descrever comportamentos. Assim diz que:

A ética não pode se resumir numa descrição do que as pessoas fazem ou creem que devem fazer. Cabe apenas à ética o poder de dizer o que deveria ser ou não feito para o bem de todos. O código de lei ética (que prescreve o comportamento universalmente correto) é traduzido por enunciados de determinações éticas

¹³ BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 14.

¹⁴ *Ibidem*. p. 15.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*.

realizadas pelas autoridades dos especialistas em éticas (filósofos, educadores e pregadores)¹⁷.

As normas éticas podem guiar nossa conduta em nossas relações, de maneira em que “possamos nos sentir seguros em nossa presença recíproca, ajudar-nos uns aos outros, cooperar pacificamente e derivar de nossa presença mútua prazer não corrompido pelo medo ou pela suspeição”¹⁸.

Prescrever esse comportamento universal correto, através de pessoas especiais, quais sejam os citados filósofos, educadores e pregadores, impõe de modo ideal a função da ética em separar o bem do mal. Neste foco, como já demonstramos, a situação da pós-modernidade não extingue a ética, e sim lhe aplica uma mudança em seu fundamento. Contudo, “os verdadeiros fundamentos devem ser mais fortes e menos voláteis que os erráticos hábitos das pessoas comuns e suas opiniões notoriamente insalubres e inconstantes”¹⁹.

Portanto, estamos diante de uma moral eticamente infundada, sem propósitos, que resulta uma sociedade apenas de meras expectativas e integrações. Sociedade que não sabem de seus fundamentos éticos morais, não sendo possível oferecer orientação ética e prescrever sobre a moralidade. Defende Bauman, que pós-modernidade vive a “*moralidade sem ética*”, pois a conduta visa a preocupação individualista. “Nessa vida, precisamos de conhecimento e capacidades morais com mais frequência, e com mais urgência, que de qualquer conhecimento das “leis da natureza” ou de capacidades técnicas”²⁰.

Colacionemos o seguinte ponto:

Com o pluralismo de normas (e os nossos tempos são tempos de pluralismo), as escolhas morais (e a consciência moral deixada em sua esteira) surgem-nos intrínseca e irreparavelmente ambivalentes. Os nossos são tempos de ambiguidade moral fortemente sentida. Estes tempos nos oferecem liberdade de escolha jamais gozada antes, mas também nos lançam em estado de incerteza que jamais foi tão angustiante. Ansiamos por guia no qual possamos confiar e sobre o qual possamos nos apoiar, de tal forma que de nossos ombros se possa retirar algo da assombrosa responsabilidade por nossas escolhas. Mas as autoridades, em que podemos confiar, são todas contestadas, e nenhuma parece ser bastante poderosa para nos oferecer o grau de segurança que buscamos. No fim, não confiamos em nenhuma autoridade,

¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 22

¹⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997. p. 23.

¹⁹ Idem. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 23

²⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 24

pelo menos, não confiamos em nenhuma plenamente, e em nenhuma por longo tempo: não podemos deixar de suspeitar de qualquer pretensão de infalibilidade. Este é o aspecto prático mais agudo e importante do que justamente se descreve como a "crise moral pós-moderna"²¹

Temos com a brilhante explicação, que a as raízes dos problemas morais em nossos dias procedem de um caráter episódico dos objetivos da nossa vida²². Pode-se dizer ainda, como observa o historiador norte-americano Christopher Lasch, que a sociedade não é mais regida sob um consenso moral²³. A moral não tem mais o real valor, os prazeres momentâneos tornam-se uma máxima e a ética é uma palavra ignorada.

A crise moral de nossos dias significa a ruptura das raízes da época moderna em busca da racionalidade, onde hoje a visão da sociedade está no abandono de ideias que não lhe proporcionam uma emancipação²⁴, e que as responsabilidades possam sempre ser amparadas em um terceiro alheio ao sujeito moral.

Valores hoje é uma palavra que não pode ser simplesmente esquecida sem antes passar por um processo crítico. O professor Jose Renato Nalini, expõe de forma muita clara e objetiva, o seguinte aspecto:

A humanidade precisa, urgentemente, de gente capaz de pensar. De filósofos no sentido mais singelo de amigos da sabedoria. De poetas que emprestem sentimento à efêmera trajetória pelo planeta. De seres humanos mais sensíveis, pois a sensibilidade é algo que se não adquire paralelamente à erudição.²⁵

Na obra “Crise de valores ou valores em crise?”, o professor Yves de La Taille explica que Psicologia Moral é a “área de estudo dos processos psicológicos que levam um indivíduo a legitimar regras, princípios e valores morais”²⁶. Nela, seus autores propõem a reflexão se em nossos dias vivemos uma crise de valores ou estamos com os valores em crise. Com isso, o termo que nos diz “crise de valores” remete ao que estamos tratando justamente ao longo desse trabalho: a ideia de que os valores estão cada vez mais desaparecendo, se

²¹ Idem, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 28.

²² Idem. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 19.

²³ LASCH, Christopher. *A Cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. p. 15/17.

²⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 38.

²⁵ NALINI, Jose Renato. *Por que Filosofia?* São Paulo: Revista dos Tribunais, 2ª Ed. 2010. p. 17.

²⁶ DE LA TAILLE, Yves; MENIN, Maria Suzana De Stefano (orgs): *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 09.

ausentando, se apartando da sociedade. De contrapartida, “valores em crises” carrega a ideia na qual os valores não desapareceram, e sim, que apenas sofrem de mudanças quanto suas interpretações²⁷.

Toda a formação de valores que assim tanto nos anseia presenciarmos, de acordo com La Taille, advém de nossos sentimentos que integram a nossa personalidade, pois a “formação de valores morais ou éticos depende de algo da tomada de consciência do dever: depende de uma motivação interna para ação, chamada de sentimentos”²⁸; e sentimentos estes, que integram a busca por uma vida boa a uma hierarquia de valores que se conservam.

Assim, a definição do que é um valor segundo Jean Piaget: “um valor pode ser definido como um investimento afetivo que nos move ou que nos faz agir”²⁹; ou seja, nas relações pessoais encontraremos sempre a investidora da pessoa em determinada ação ou ideia.

Logo, vamos presenciar algo mais, ou menos valorizado por cada um. “Determinado objeto tem um sentido para o sujeito e é investido pelos afetos que lhe conferem valor positivo ou negativo”³⁰. Teremos então que os valores podem ser morais e não morais e ainda sim farão parte da estrutura do valor que uma pessoa dá a si mesma, qual seja a autoestima e autorrespeito³¹. Vejamos:

(...) autoestima consiste em ter consciência de ser bom em suas capacidades; no entanto, essa valorização de si próprio é constituída de representações positivas de si, que são estranhas ou até mesmo contrárias à moralidade (valores não-morais). Para se tornar autorrespeito é preciso que a autoestima ou a valorização de si próprio incida sobre os valores morais.³²

Torna-se irônico a capacidade que existe hoje em se abster dos princípios e valores, em que muitos se esforçaram para alcançar e obter uma sociedade justa com igualdades, e

²⁷ DE LA TAILLE, Yves; MENIN, Maria Suzana De Stefano (orgs): *Crise de valores ou valores em crise?*Porto Alegre: Artmed, 2009.

²⁸ Ibidem. p. 17.

²⁹ Idem. Apud: PIAGET, J. El psicoanálisis y sus relaciones con la psicología del niño. In: DELAHANTY, G. PERRES (comp). *Piaget el psicoanálisis*. México: Universidade Autónoma Metropolitana, 1994. p.181-290. Originalmente publicado em 1932.

³⁰ DE LA TAILLE, Yves; MENIN, Maria Suzana De Stefano (orgs). Op. Cit.

³¹ Idem. p.18.

³² DE LA TAILLE, Yves; MENIN, Maria Suzana De Stefano (orgs): *Crise de valores ou valores em crise?*Porto Alegre: Artmed, 2009. Pag 18.

taxar um modo individualista de se viver onde cada um constitui o que deve ser priorizado, ou seja, temos como resultado uma sociedade cada vez mais alienada que se deixa conquistar por qualquer prazer sem fim.

Trazemos dentro de nós princípios e bases para sobreviver ao meio da grande selva “sociedade”. Uma herança de si mesmo, segundo Carlos Bernardo González Pecotche. Vamos analisar o seguinte ponto:

No campo de análise, os valores podem surgir como um estatuto fundamental na explicação da estabilidade e coerência das sociedades ou das mudanças sociais ou podem surgir como “fenômenos reflexos” das infraestruturas da sociedade. O valor exprime uma relação entre as necessidades do indivíduo (respirar, comer, viver, posse, reproduzir, prazer, domínio, relacionar, comparar) e a capacidade das coisas e de seus derivados, objetos ou serviços, em as satisfazer. É na apreciação desta relação que se explica a existência de uma hierarquia de valores, segundo a urgência/prioridade das necessidades e a capacidade dos mesmos objetos para as satisfazerem, diferenciadas no espaço e no tempo.³³

Conforme exposto, para González os valores exprimem uma relação de necessidade com a capacidade em poder satisfazê-los. É certo que não somos objetos de uma máquina que nos fez todos iguais, há e sempre haverá de existir a controvérsia de pensamentos e atitudes, o que em um certo ponto é bom e necessário que exista. Porém, o que queremos trazer neste ponto, se traduz ao aspecto do processo de evolução que a sociedade passou ao longo dos anos e está passando.

A falta de um planejamento familiar, de um governo eficiente, de homens e mulheres comprometidos, de uma família estruturada, contribuiu com o passar dos anos, com aquilo o que realmente era uma escala hierárquica de valores. Quando deixamos de transformar nossas falhas e erros em novas forças, e passamos a nos acomodar, estamos criando novas prioridades, uma nova moral e uma nova ética. A vida tem um valor. Ou seja, o que é prezado e transformado em valores transforma a sociedade simplesmente em pessoas egocêntricas.

Há uma busca tão somente em valores de meio e não de fim, pois o amor ao próximo não mais é prezado. A busca, talvez equivocada, dos valores de meio é tanta que suprime o que realmente se deseja.

³³ Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_\(filosofia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_(filosofia))> Acessado em: 22/07/2013.

Enquanto permanecermos alheios à realidade do trabalhar de si mesmo, um processo de evolução consciente, não vamos chegar a lugar algum, e assim explica Gonzáles que o homem “viverá às escuras a respeito de tão vantajosa possibilidade, e lutará e se debaterá num mar de complicações, sem encontrar solução para o grande problema de sua existência”³⁴.

Devemos dar prioridade para aquilo que realmente nos faz refletir e nos torna verdadeiros seres humanos, com pensamentos humanos, com atitudes humanas, como humanos que sofrem constantes mudanças, que se adapta a cada dia com a chegada de novos colonizadores, mas que traz consigo um amor real, capaz de transformar o sofrimento em esperança, a alegria em compartilhamento, a vida em uma vida real, real o bastante para não se deixar levar como uma garrafa vazia no mar em que as águas traçam o seu destino. Quando sairmos da visão periférica perceberemos que o real valor da vida, do trabalho, do estudo, vai muito além do capitalismo radical; iremos de encontro com um amor sincero e honesto em sua existência.

Finalizamos com o seguinte trecho de uma poesia:

(...)
Sinto vergonha de mim
por ter feito parte de uma era
que lutou pela democracia,
pela liberdade de ser
e ter que entregar aos meus filhos,
simples e abominavelmente,
a derrota das virtudes pelos vícios,
a ausência da sensatez
no julgamento da verdade,
a negligência com a família,
célula-Mater da sociedade,
a demasiada preocupação
com o 'eu' feliz a qualquer custo,
buscando a tal 'felicidade'
em caminhos eivados de desrespeito
para com o seu próximo.³⁵
(...)

Vemos que Rui Barbosa expressa de maneira sem igual em seus versos, que traz por título “Sinto vergonha de mim”, algo que as pessoas deixaram escapar por suas mãos não

³⁴ GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo. *A herança de si mesmo*. São Paulo: Logosófica, 8ªEd. 2012. p. 28.

³⁵ Disponível em: <<http://ocantodomeusentir.blogspot.com.br/2009/05/sinto-vergonha-de-mim.html>> Acessado em: 22/07/2013.

dando o real e tão abordado valor.

CONCLUSÃO

Concluimos com o presente artigo que a crise moral de nossos dias significa a ruptura das raízes da época moderna em busca da racionalidade, onde hoje a visão da sociedade está no abandono de ideias que não lhe proporcionam uma emancipação, e que as responsabilidades possam sempre ser amparadas em um terceiro alheio ao sujeito moral.

Vemos nos principais aspectos de nossos dias que não basta apenas ser um mundo desenvolvido se não houver progresso moral baseado no amor ao próximo, não deixando que o individualismo se torne mais forte do qualquer outro pensamento.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos*. Sobre a ética pós-moderna. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *Ética pós-moderna*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BRAGA, Antonio C. Nietzsche: o filósofo do niilismo e do eterno retorno. São Paulo: Escala, 2011.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2006.

DE LA TAILLE, Yves; MENIN, Maria Suzana De Stefano (orgs): *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009

GONZÁLEZ PECOTCHE, Carlos Bernardo. *A herança de si mesmo*. São Paulo: Logosófica, 8ªEd. 2012.

LASCH, Christopher. *A Cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Sociedade Pós-Moralista*. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Tradução: Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2005.

NALINI, Jose Renato. *Por que Filosofia?* São Paulo: Revista dos Tribunais, 2ª Ed. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2008.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_\(filosofia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_(filosofia))

<http://ocantodomeusentir.blogspot.com.br/2009/05/sinto-vergonha-de-mim.html>